

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Iluminense Class.: 361

Data 1 de Março de 1989 Pg.: _____

Encontro quer resgatar o papel da mulher indígena

A professora Eliane Potiguara espera reunir 200 "guerreiras" para lutar ao lado dos homens

Brasília — Na segunda semana de maio, o Parque Nacional do Xingu, vai sediar um acontecimento inédito: o I Encontro da Mulher Indígena, que tenta resgatar agora um papel político que lhe cabia ao lado do homem há cinco séculos, quando chegaram os colonizadores. "Aí, passamos a ser protegidas contra a opressão", aponta a professora secundária Eliane Potiguara, coordenadora do Grupo Mulher — Educação Indígena (Grumin), responsável pelo encontro. Ela espera reunir pelo menos 200 das aproximadamente 110 mil "guerreiras" brasileiras — mais de 50% da população total de 200 mil índios.

Nem o Grumin, nem este encontro no Xingu acontecem isolados do movimento indígena que, nas páginas impressas, aparece sempre sob a égide de líderes masculinos, como Paulinho Paikan, Raoni ou Ailton Krenak. "As mulheres querem lutar ao lado dos homens", defende Eliane Potiguara, uma índia de 38 anos, que nasceu na distante Aldeia Santo Ângelo, na Paraíba, e, na avalanche do acelerado processo de aculturação de seu povo, foi parar no Rio de Janeiro "ainda menina".



Com longos e grossos cabelos negros e bonitos traços índios, Eliane formou-se em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, desde a década passada, dedica-se de corpo e alma "às populações indígenas".

O I Encontro da Mulher Indígena vai se desenrolar dentro do I Encontro de Resgate Cultural dos Povos Nordestinos, com os do Xingu, apoiado pelo Conselho Indigenista Missionário, União das Nações Indígenas, Legião Brasileira de Assistência e Programa de Combate ao Racismo do Conselho Mundial das Igrejas, além do Grumin. (AE)